

## O USO DE TERMINOLOGIAS EM LÍNGUA INGLESA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Márcio Luiz Corrêa Vilaca (UNIGRANRIO)  
professorvilaca@gmail.com

### 1. *Introdução*

Com certa frequência podemos nos deparar com palavras em línguas estrangeiras em diversas situações discursivas orais e escritas, formais e informais. Por vezes, o uso de termos estrangeiros em língua portuguesa é alvo de debates calorosos, inclusive no campo político. O linguísta Rodolfo Ilari (2006, p. 73) relata esta questão:

De tempos em tempos, a incorporação de palavras estrangeiras foi vista como um problema por gramáticos, escritores e políticos: os mesmos argumentos foram então usados (de maneira pouco convincente, e, afinal, sem resultados práticos) para provar que as palavras estrangeiras “corrompem” a língua portuguesa e constituem um vício de linguagem – o barbarismo – que deve ser combatido a todo preço.

Recentemente foi aprovada, por deputados do Rio Grande do Sul, uma lei que visa banir os estrangeirismos em propagandas e documentos de Estado, conforme noticiado no *site* da *Folha de São Paulo*. Este trabalho não tem objetivo de avaliar a pertinência ou não de leis desta natureza, bem como também não serão discutidas possíveis consequências.

Os dois exemplos apresentados até aqui servem para demonstrar como o assunto é complexo e polêmico.

Este artigo não pretende defender ou criticar o uso de termos, expressões ou siglas estrangeiras. O objetivo deste trabalho é abordar alguns aspectos relacionados ao emprego de terminologias em educação a distância.

### 2. *Os desafios das terminologias*

Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 464) definem terminologia como “conjunto de palavras e expressões munidas de suas definições, por meio das quais uma disciplina científica ou técnica refere-se às noções que a constituem”. Formiga (2009, p. 39) aponta que “a terminologia delimita a abrangência de uma ciência e demonstra o domínio pelos seus propositores e usuários”.

A terminologia não deve ser compreendida apenas como “vocabulário técnico” específico de uma área. Muitas palavras do uso diário assumem significação específica em discursos acadêmicos e profissionais. Na área de educação, por exemplo, a palavra *treinamento* aparece fortemente associada à psicologia behaviorista, sendo evitada pelos críticos desta. A compreensão de *linguagem* para linguistas é mais restrita que aquelas que podem ser encontradas nos dicionários. Em outras palavras, os sentidos registrados em dicionários podem não ser suficientes para possibilitar compreender terminologias.

Da mesma forma, a tradução para a língua portuguesa de terminologias em língua estrangeira também pode gerar entendimentos vagos, incompletos ou equivocados. Em geral, a palavra *training* não é usada da mesma forma que treinamento. A tradução não garante uso idêntico em diferentes línguas. *Language* pode ser traduzido como dois termos em ciências da linguagem: língua e linguagem.

Logo, a terminologia deve ser conhecida e dominada por estudantes, professores e autores. Isto possibilita maior capacidade de compreensão discursiva para aqueles que atuam na área. Isto ocorre nas mais diversas áreas do saber.

### 3. *Língua inglesa em educação a distância*

Publicações e pesquisas em educação a distância (MAIA e MATTAR, 2007; VALENTE e MATTAR, 2007; TORI, 2010, por exemplo) apresentam com bastante frequência terminologias em língua inglesa. *E-learning*, *chat*, *blended learning*, *player*, *webquest* são apenas alguns exemplos de termos frequentes.

Em trabalho anterior (VILAÇA, 2010), aponto três motivos que contribuem para esta relação entre a língua inglesa e a educação a distância, que são aqui retomados:

- a) as experiências de universidades americanas e britânicas em cursos e pesquisas em EaD;
- b) o impacto dos Estados Unidos no desenvolvimento de tecnologias de comunicação e informação (TICs), de *softwares* e *hardwares*;
- c) o predomínio da língua inglesa na internet.

Devido às pesquisas e experiências americanas e britânicas em EaD (MAIA & MATTAR, 2007; MOORE & KEARSLEY, 2008; NUNES, 2009), muitos artigos são publicados em língua inglesa sobre as mesmas. Não resta dúvida de que a língua inglesa tem sido empregada para a divulgação de pesquisas acadêmicas por todo o mundo. Há inclusive casos de congressos que elegem a língua inglesa como língua oficial para a apresentação de trabalhos.

A língua inglesa também ocupa um lugar de destaque em publicações científicas em periódicos acadêmicos e revistas especializadas. Tanto no caso dos congressos, quanto no caso das publicações, é fácil constatar que a língua inglesa tem sido amplamente empregada para divulgação de pesquisas e estudos acadêmicos. Como consequência, isto favorece que termos variados se popularizem em língua inglesa.

A proximidade entre EaD e tecnologia é outro fator que contribui significativamente para de termos em língua inglesa. De uma forma geral, o inglês é visto como língua da tecnologia, especialmente das tecnologias digitais e, de forma mais específica, a língua dos computadores. No início década de 90, por exemplo, era comum escutar que para saber usar o computador era preciso saber inglês. Se hoje esta afirmação pode causar estranhamento, na época ela era bastante compreensível. Afinal, os *softwares* eram quase todos em língua inglesa e bastante complexo se comparados com softwares atuais. Era a época dos comandos e códigos em língua inglesa.

Atualmente a quantidade de softwares disponíveis em diversas línguas é enorme, principalmente os *softwares* mais populares. Além disso, são bastante visuais, autoexplicativos, intuitivos e similares. Logo, mesmo quando não há uma versão em língua portuguesa, muitas vezes os ícones, os símbolos, diminui a necessidade de compreensão mais avançada da língua inglês. A recorrência de termos básicos para comando em diversos programas também facilita para que o “repertório” estrangeiro não precise ser tão grande.

No entanto, isto não significa não usamos mais a língua inglesa em informática. Alguns exemplos de palavras inglesas populares são: *modem, chip, boot, mouse, software, hardware*.

A língua inglesa sem dúvida é a língua predominante da internet. Embora seja complexo tratar de estatísticas desta natureza, estima-se que aproximadamente 80% dos conteúdos na internet estejam em língua inglesa. Isto reflete o grande alcance da língua inglesa como língua mater-

na e estrangeira. Fato inegável, que não precisa ser amparado por estatística.

Convém mencionar que muitos *sites* que são disponíveis em várias línguas ou em versões específica para diferentes países possuem áreas disponíveis apenas em inglês. Isto é muito comum em *sites* de fabricantes de softwares e dispositivos eletrônicos diversos.

Em síntese, profissionais que atuem direta ou indiretamente com áreas tecnológicas com bastante frequência se deparam com palavras ou textos em língua inglesa.

Esta discussão não quer dizer que apenas a tecnologia seja responsável pelos termos em língua inglesa em EaD. Há, por exemplo, termos que se referem a modelos pedagógicos e a questões gerenciais entre outros. Exemplos disso são: *e-learning, blended learning, player, copyright, feedback, chat, mix, username, .*

#### 4. Siglas

É grande também o número de siglas inglesas empregadas em EaD. Em geral, as siglas não apresentam equivalentes em língua portuguesa. O quadro abaixo apresenta algumas destas siglas, seus significados e a traduções:

Quadro 1 – Alguma siglas empregadas em EaD		
Sigla	Significado	Tradução
CMS	Content management system	Sistema de gestão de conteúdos
CMS	Course Management System	Sistema de gestão de cursos
CPU	Central Processing Unit	Unidade central de processamento
FAQ	Frequently Asked Questions	Perguntas frequentes
HD	Hard disk	Disco rígido
HD	High definition	Alta definição
HD	High density	Alta densidade
IMS	Instructional management system	Sistema de gestão instrucional
IP	Internet protocol	Protocolo de internet
LMS	Learning management system	Ambiente virtual de aprendizagem
URL	Uniform resource locator	Localizador uniforme de recursos

A sigla AVA – ambiente virtual de aprendizagem - é um dos poucos casos de siglas específicas em língua portuguesa empregadas em EaD. Siglas equivalentes em inglês são LMS, IMS e a ambígua CMS. Na maioria das vezes a sigla em língua inglesa é empregada.

No caso da sigla HD, podemos perceber que uma mesma sigla é empregada para termos diferentes (*hard disk*, *high density* e *high definition*). O mesmo acontece com a sigla CMS, que pode significar *content management system* e *course management system*. Em casos como estes, o contexto de uso desempenha um papel fundamental para evitar ambiguidade. Afinal, “gravar em hd” pode significar gravar em alta definição ou salvar um arquivo em *hard disk*.

FAQ tem sido usado em muitos *sites* de temas e propósitos diferentes para se referir a possíveis dúvidas dos visitantes sobre o *site*, um serviço, um software ou uma tecnologia. Certamente muita gente se depara com a sigla sem imaginar o seu significado literal e sua tradução.

A sigla URL é outro caso interessante. O seu significado “literal” não é de fácil entendimento. Na verdade, ela se refere ao endereço virtual, o domínio de um *site* (<http://www.ensinoatual.com.br>, por exemplo).

## 5. Neologismos

É possível encontrar em EaD neologismos em língua inglesa. O quadro seguinte apresenta alguns destes neologismos:

<b>Quadro 2 – Alguns neologismos e suas composições</b>	
<b>Neologismo</b>	<b>Composição</b>
edutainment	education + entertainment
netbook	notebook + internet
smartphone	smart + telephone
vlog	video + log
webtop	web + desktop
webware	web + software

Em parte, os neologismos são criados para referências a novos conceitos e tecnologias. A web 2.0 por exemplo é responsável por *webware* e *peopleware*. Para dispositivos eletrônicos, dois exemplos são *smartphone* e *netbooks*. Podcast, conforme apontado em Barros (2009), é a combinação de *iPod* (um dispositivo eletrônico da marca Apple) e *broadcast*.

A popularização de alguns termos faz com que muitas vezes não sejam facilmente reconhecidos como neologismos. Dois casos bem claros disso são *blog* (web + log) e *emoticon* (emotion + icon).

Os neologismos podem apresentar dificuldades de compreensão para iniciantes, já que não são encontrados com facilidade em dicionários

de língua inglesa. Neste caso, livros e dicionários especializados podem de grande utilidade.

## 6. Considerações finais

Certamente uma pergunta fica em mente: Porque não traduzir os termos e empregá-los em português? A resposta não é tão fácil por diversos motivos. Convém destacar que o próprio uso de estrangeirismo é uma estratégia de tradução (MUNDAY, 2001; BARBOSA, 2004). Esta questão merece uma atenção especial em trabalho específico sobre tradução. Afinal, alguns termos, em especial os neologismos, não podem ser traduzidos com facilidade. A tradução pode em alguns casos afetar a compreensão do termo.

Este trabalho não teve a pretensão de discutir vantagens, desvantagens ou riscos do uso da língua inglesa em publicações nacionais sobre EaD.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos de tradução: uma nova proposta*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2004.
- BARROS, D. M. V. *Guia didático sobre as tecnologias da comunicação e informação*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.
- BELLONI, M. L. *Educação a distância*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.
- FORMIGA, M. A terminologia em EaD. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. (Orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.
- ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2010.

MAIA, C.; MATTAR, J. *ABC da EaD: educação a distância hoje*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MOORE, M.; KEARSLEY. *Educação a distância: uma visão integrada*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. New York: Routledge, 2001.

NUNES, I. B. A história da EaD no mundo. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. (Orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

TORI, R. *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem*. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

VALENTE, C. e MATTAR, J. *Second Life e Web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias*. São Paulo: Novatec, 2007.

VILAÇA, M. L. C. Educação a distância e tecnologias: Conceitos, termos e um pouco de história. *Revista Magistro*, N. 1. Vol. 2, 2010.